

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

94)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (FEVEREIRO 16, 1839)



O NEGOCIANTE JUDEU E O NEGOCIANTE ARMENIO.

Duas nações, essencialmente commerciantes e cosmopolitas, repartem entre si, na capital do imperio ottomano, o trafico principal, assim do commercio por grosso, como das negociações de banco. E' verdade que em todas as praças e mercados do mundo se acham individuos destes dois povos, igualmente avidos de riquezas, e afferrados á sua nacionalidade. Já por isto se vê que fallámos dos judeus e armenios.

Só em Constantinopola, os judeus passam de cinquenta mil, e habitam todo o bairro de Kassa-Kui, que lhes é especialmente destinado. De ha tempos a esta parte os turcos os tratam com certa benevolencia, que ainda mais se corrobora com a semelhança das opiniões religiosas e usos d'uns e d'outros. Com effeito, ambos estes povos seguem o *theismo* quasi puro, praticam a circuncisão, detestam a carne de porco, e escrevem da direita para a esquerda: por isso os judeus obtem na Turquia mais consideração que em qualquer paiz da christandade. Crê-se commummente que os judeus de Constantinopola vieram da Palestina, e trouxeram consigo a linguagem de seus maiores; mas não é assim, porque foram oriundos d'Hespanha, descendentes dos que a inquisição expulsou deste paiz, em numero de oitocentas mil pessoas, e que, pela maior parte, acharam hospitalidade e abrigo em muitas cidades da Europa.

Ainda que comprehendidos, como os gregos e armenios, na classe geral dos *rayas*, ou subditos, os judeus são denominados especialmente pelos turcos *Musaphires*, visitantes ou hospedes, appellido que faz lembrar a sua origem: aos gregos, porém, que foram outrora os senhores de Constantinopola, os seus vencedores chamam *yeskires* ou escravos.

Os judeus exercitam livremente na Turquia, como em alguns paizes europeus, não só a profissão de banqueiros, como tambem todas as mais lucrativas. Nas casas dos opulentos desta raça ostenta-se o fausto oriental; porém os das classes inferiores são, como por toda a parte, immundos nos trajos e habita-

ções, e sempre inclinados a entrar em especulações, que repugnariam a qualquer pessoa melindrosa de consciencia. Entre os gregos e os judeus moradores em Constantinopola reina profunda antipathia.

Os armenios tem-se misturado insensivelmente com a população turca: menos avidos e mais probos que os judeus, tem supplantado estes em grande numero de empregos de banqueiros dos ministros e das principaes personagens do imperio ottomano: empregos ás vezes funestos, porquanto, não poucas, alguns destes banqueiros teem pago com a cabeça, ou a confiscação dos bens, o *crime* de serem ricos.

Em o norte da Europa, por quasi todo o Oriente, e em maior abundancia pelo Egypto, Syria, e India, se encontram negociantes armenios: ha mais d'um milhão delles só na Turquia; e este paiz lhes deve a maior e melhor parte das suas manufacturas. Os turcos, a quem o character summamente pacifico e laborioso dos armenios nunca deu motivos de suspeita, lhes confiam o cunho da moeda, e o fabrico da polvora; e usam compara-los aos camêlos, animaes mansos, uteis e soffredores.

As caravanas procedentes da India, e que atravessam a Persia, e a Asia menor, ou outras provincias turcas, são compostas de armenios pela maior parte. Uma carta de recommendação d'um padre desta communhão é um importante soccorro para o negociante que discorrer pelas regiões longinquas, onde este povo está disseminado. Não só por communidade de ascendencia, e de linguagem, são os armenios entre si muito unidos; mas tambem pela crença que tem nelles poderoso imperio. Sendo membros da immensa familia christã, constituem parte da seita dos *cutychianos*, regeitam o culto das imagens, guardam poucas festas, e quasi que fazem consistir o exercicio da religião na observancia dos jejuns, os quaes são mui frequentes e rigorosos. O seu clero secular casa, como o da igreja grega, porém não pode passar a segundas nupcias.

MAIS UM BRADO A FAVOR DOS MONUMENTOS.

II

VEDE essa igreja do convento de S. Domingos, collocada no alto de Santarem: as suas grossas e velhas portas estão fechadas, e o mosteiro está vazio de seus antigos habitantes. Não é provavel, todavia, que o venerando templo, mandado edificar pelo infeliz Sancho 2.^o, e de cuja primitiva fabrica ainda resta inteira a capella-mór, ficasse deserto de culto, como o convento ficou ermo de frades: crêmos nós que a abolição destes não trouxe consigo a ruina da religião e das suas solemnidades: nem que por espirito nenhum passasse o acabar com a antiga crença de nossos paes: vede, pois, o templo, que, se agora está fechado, é por que não é esta a occasião das orações e dos psalms. Transportae-vos com a imaginação para o interior da igreja, nas horas em que os canticos e o incenso se alevantam ante o altar; em que o orgão sóta as suas harmonias melancolicas; em que a nave está cheia de povo, e o sacerdote ressa por elle, e com elle; na hora em que o sol reflecte pelas pedras, que o tempo amareleceu, uma luz viva, mas suave; imaginae essa hora, e vereis que nos foi mui facil não despovoar o templo, quando despovoavamos o mosteiro. Ahi, tambem, pela alta noite, as lampadas, penduradas ao longo da nave, ou brilhando na escuridão das capellas, como em ceu profundo uma estrella solitaria, despedem seus raios frouxos que vão quebrar-se por campas, onde se leem letreiros semi-gothicos, que conservam os nomes dos que vieram repousar das lidas da vida á sombra da cruz: lá estão os sepulchros de Gil e Martim d'Ocem, cuja voz era como uma inspiração de cima nos conselhos dos reis: lá alvejam os jazigos do infante D. Affonso, filho de D. Affonso 4.^o, e o de Fernando Sanches, a quem o nosso eloquente Luiz de Sousa chamou *bastardo querido* de D. Diniz: por ahi dormem muitos pobres frades, cuja vida não foi gloriosa, mas cuja morte foi invejada. Ossos dos que eram grandes na terra, ahi jazem misturados com os dos que são grandes no ceu: veneravel é o templo; solemne é a oração que lá se pronuncia; porque as testemunhas que a ouvem são respeitaveis!... Mas a porta da antiga igreja range nos seus goncos de bronze: vae abrir-se de par em par: as ondas de povo vão precipitar-se aos pés dos altares: o sacerdote vae entoar o hymno do sacrificio, acompanhado pela voz do orgão. Entrae...

Não! — O velho templo é um palheiro do commissariado!!!...

Maldicto o que escarnece de Deus!

Na parede contigua ao rico presepe da Cartuxa de Laveiras, que tantos primores de esculptura encerrava, e que foi despedaçado depois da suppressão do mosteiro, escreveu um praguento, que visitou aquelle edificio, a seguinte inscripção: *Tractado de philosophia do seculo 19.^o* Qual seria o letreiro que elle poria sobre o philosophico palheiro de Santarem? Provavelmente o seguinte: *Cada geração depositou aqui os objectos que lhe eram mais caros.*

Santarem, sendo uma das povoações do reino mais ricas em monumentos, parece que por isso mesmo tem merecido mais o odio de certa gente, que das tres potencias da alma, memoria, entendimento, e vontade, só admitta a ultima; e com razão; porque para fechar os olhos, e descarregar uma camartellada, é mais que sufficiente. Ha tempos que uma pessoa curiosa de historia e antigualhas nos escreveu daquella villa, contando-nos que debaixo do côro da igreja de S. Francisco víra o tumulo da infanta D. Constança, servindo de cabide a sellins, e arreios, e

rodeado de páus e ferros, com que se vão roçando e quebrando os lavores e esculpturas do sepulchro, como já tem succedido ao de elrei D. Fernando, que do meio da igreja os franciscanos haviam mudado para o côro.

O vandalismo não quiz ser em Santarem só devoto: saiu da igreja para a praça: a antiga porta de Vallada, ou da Madre Deus, e o arco de Palhaes tambem vieram a terra. É verdade que para isso havia uma razão invencivel; uma necessidade urgentissima: era preciso calçar uma rua. E quem ha ahi que ignore, que, salvo em algum templo, ou muro alevantado por nossos avós, não é possivel encontrar em Portugal uma pedra? Nestes paizes pouco pedregosos, como o nosso, é necessario muitas vezes fazer do velho novo: aliás, sempre desejáramos ver se os senhores antiquarios achavam essas formosas estradas, e espaçosas calçadas, que se encontram, talvez com profusão de mais, por todas as provincias do reino, e por onde não só elles, mas lavradores, mercadores, soldados, tão commodamente transitam.

Deixemos, porém, a romana Scalabis, com os fados máus que a perseguem, e voltemos ao norte de Portugal. Perto do confluente do Sabor e do Douro está assentada a villa da Torre de Moncorvo, que de seu antiquissimo castello tirava o nome. Já hoje, porém, lhe não quadra mais do que a denominação de Moncorvo: ha tempos que a pobre torre foi derrubada, segundo ouvimos, tambem para calçar ruas. Não succederá, em geral, aos vereadores das nossas camaras o que succedeu ao astronomo, que, embebido em suas contemplações, não viu o barranco em que se despenhou. Onde ha um monumento que derubar, ei-los a aforoar os caminhos, viellas, e encruzilhadas; e desgraçado do velho edificio, se encontraram alguma barroca, ou fojo, que accendesse a sua raiva niveladora! — Lá começa a torre, o castello, o templo, o palacio, ou a muralha, a desabar: o relevo gothico, o fuste ou capitel da columna, o cippo romano, o letreiro de sepultura christã, são quebrados, facetados, mettidos entre as outras pedras de calçada; os carros, as cavalgadas, e os vereadores passam tranquillamente sobre os ossos do passado, sem que para facilitar o transito de tão respeitaveis personagens seja necessario arrancar o musgo ou os cogumellos, que vegetam pelas pedreiras visinhas.

O celebre Hogarth, que tão bem aproveitou para os seus deliciosos quadros as scenas de caricatura que offerece a vida civil; Hogarth, o pintor da *Eleição popular*, do *Rabequista*, da *Platea*, do *Madrão*, e até dos estragadores da sua formosa arte, perdeu muito em não viver hoje para vir dar uma volta pelo nosso Portugal: o seu mais ridiculo quadro seria o d'uma sessão de certas camaras municipaes (*) em que se decidisse a morte d'um velho monumento. Imaginemos cinco, ou seis, ou mais figurões, sentados á roda de uma banca, fallando sem juizo, sem decencia, e até sem grammatica, sobre os melhoramentos, e proveitos que devem resultar ao municipio da ruina de qualquer antigo edificio. Lá se alevanta um delles, gordo, vermelho, e calvo: é o Demosthenos do conciliabulo: aprendeu a soletrar pelas traducções do Contracto Social, e do Compadre Matheus: um palacio, um muro, uma igreja d'eras remotas fazem-no estremecer de horror: em cada ameia de castello deserto lhe parece enxergar um cavalleiro cuberto d'armas ferrugentas, ouvir as badaladas da campã feudal ressoar sobre o arco da torre de menagem. Quizera que das instituições da meia-

(*) De nenhuma em particular fallamos: homens de juizo ha-os por toda a parte; e quantos vereadores se acharão pelo reino, que lamentem, como nós, a ruina dos monumentos!

idade nem sequer restassem mudos documentos; porque o mesquinho na sua ignorancia crê que o feudalismo, absolutismo, monachismo, e mil ismos, que elle não sabe o que são, mas que sabe serem cousas mui feias e carregadas, pódem voltar outra vez. Com as bocas semi-abertas os cidadãos vereadores o escutam: a eloquencia do orador é como a de Mirabeau: podéramos chamar-lhe o que o poeta Barthelemy chamou ao homem da grenha hirsuta, *furacão de carne e osso*: os animos commovem-se: os cabellos arripiam-se: a sentença contra o monumento vac ser fulminada: ha um instante de terrivel silencio: o presidente pede votos: *a terra!* diz o homem da calva: *a terra!* vão repetindo com voz solemne os outros membros do Sanhedrim. Então o secretario lava o fatal accordam: por entre aquellas letras, logo amarellas á nascença, e escriptas com penna de perú, se alevanta no meio de cada palavra uma letra capital, em que as antecedentes e consequentes parece apoiarem-se. Acabou-se emfim a primorosa composição: o erudito secretario estende o papel ao respeitavel presidente, que, embebido no intimo gozo de ter feito um bom serviço á patria, o recebe virado, e lhe lança no topo, com um ademan desdenhoso, a cruz do seu signal: passa aos outros juizes a tremenda escriptura: o calvo, que já soletra, vé o erro do presidente, mas não ousa offender o seu pundonor litterario: escreve em logar competente o proprio nome, e feito isto em menos de meia-hora, os outros dignos membros da municipalidade plantam debaixo da garatuja do Mirabeau villão um ondeante calvario. Torre, muro, paço, ou quer que és, cuja ruina foi decretada, para ti já não ha salvação! — Que o trovador dos tempos passados componha o seu hymno de morte, ao som dos camartellos do progresso e da civilisação! Nos teus lanços desconjunctados, no teu cimento desfeito, nas tuas pedras estouradas, nos teus fundamentos revoltos, foi logo escripta, á ponta de picão e de alavanca, a palavra atrocissima, *a terra!* extraída do calvario municipal. O solo, sobre que pesavas havia seculos, desassombado de teu vulto enorme, se converterá em um aprazivel soalheiro, e soalheiros são hoje objectos de primeira necessidade no abastado Portugal.....

Neste ponto passaríamos ao paragrapho ultimo do nosso artigo, sem mencionar mais nenhum feito de vandalismo, se descortesia não fôra, e grande, andarmos pelo norte e sul do reino, e não entrarmos em Lisboa, a que podemos pôr nome de casa capitular dos arrazadores: a difficuldade neste caso não é o achar materia; é escolhe-la: assim, para nos formarmos de trabalho, tomaremos ao acaso a primeira cousa que nos occorrer. As cruces traçadas pelos vereadores nos fizeram lembrar de certo acto vandallico, e ainda que este seja um dos de menos monta, sairá a terreiro, já que tomou a dianteira na serie das nossas idéas.

Juncto á igreja de S. Francisco, na parede immediata á porta que dá entrada para a Bibliotheca Publica e para a Academia de Bellas-Artes, estava pregada uma cruz, com uma lagem por baixo, onde se lia, que essa cruz fora feita de um pedaço do mastro de certa náu, que, em uma viagem da India, estivera a ponto de se perder, e que fôra salva por intercessão não nos lembra de que sancto. Era veneranda esta memoria, não pelo ser de um milagre, provavelmente imaginario; mas porque o pedaço de madeira, affeigado em fórma de cruz, era um fragmento dessas velhas náus da India, em que os portuguezes obraram tantas gentilezas de armas, por mares remotos: era veneranda, porque sobre o mastro, de onde foi tirada, fluctuou a bandeira das quinás, nose-

culo em que os que a hasteavam eram os dominadores do oceano; e em que ella causava terror, não aos povos da Europa civilizada [essa gloria deixámos nós aos nossos successores no imperio dos mares] mas aos inimigos do christianismo e de sua filha, a civilisação. Esta pobre cruz, que a ninguem fazia mal, que não affejava os alinhamentos do progresso, que não servia para calçar ruas, foi arrancada d'alli, talvez para se metter na fornalha. Mas para que se deixou a pedra da inscripção? — Arranque-se tambem: parta-se em pedaços; enterre-se em um cavouco. Certo é que estamos livres da cruz; mas a pedra ainda nos falla das epochas em que nossas náus se affrontavam com as procellas do mar da Africa e da India, e isso eram tempos de superstição, tempos em que dos mastros das náus se tirava o symbolo da fé christã: hoje um ex-voto semelhante fôra impossivel; porque até a palavra *náu* é um archaismo. Apaguem-se, pois, todos os vestigios da nossa antiga barbaria: sejamos dignos deste seculo luminoso; e a posteridade fará inteira justiça á nossa honrada memoria...

Infamia!

Mas dirá alguém: que quereis que se faça ácerca dos monumentos? — Que queremos se faça?! — Que se deixem em paz. Não pedimos museus; porque estes são apenas cemiterios das artes. Os fragmentos de um edificio, tirados do seu logar, sem destino, sem união, são mortos: são cinza e pó de marmores. Reunam-se em bibliothecas, e em gallerias de pinturas os livros ou quadros, que não foram roubados, estragados, ou abandonados por ignorancia crassissima (*): mas as pedras só pedem repouso! — Faça-se uma lei de monumentos, já que se fazem leis para tudo. Que os procuradores da Nação lhe salvem os seus titulos de nobreza. Haja no seio da representação nacional um portuguez, que alevante um brado energico a favor do passado: a sua voz achará echo em todos os angulos do reino; porque em todos elles há homens sisudos, e peitos generosos. Diga a lei aos arrazadores que os monumentos são propriedade publica e não desta ou daquella cidade, villa, ou aldêa, já que a razão lh'o diz debalde. Tenha emfim, essa lei a sancção do castigo, já que em um seculo corrupto, as palavras, *vergonha e gloria* vão, como a palavra *náu*, passando para o glossario dos archaismos.

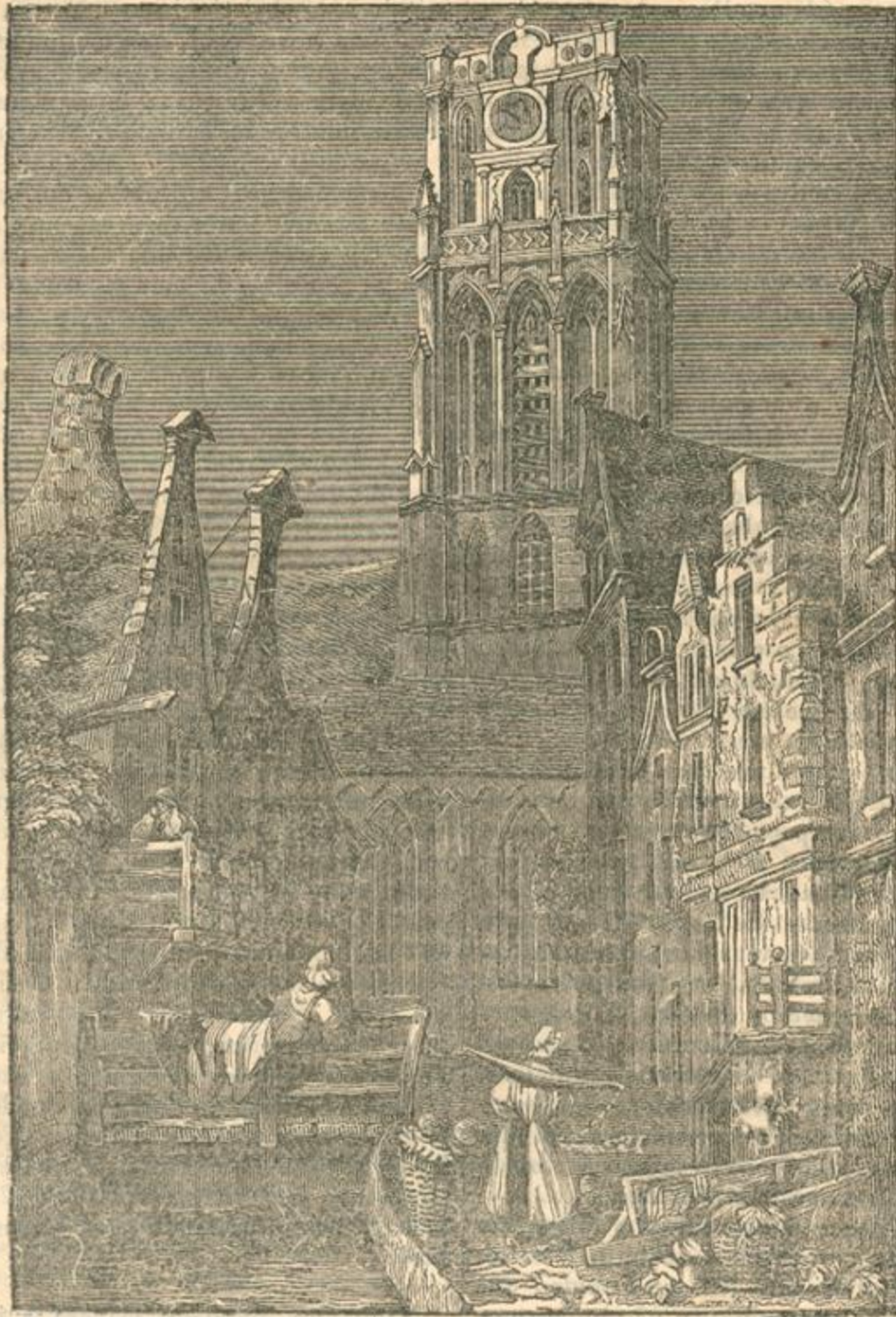
*

Tinhamos mandado já para a imprensa o precedente artigo, quando ás mãos nos veio um periodico em que estava transcripta uma portaria do Sr. ministro da fazenda, na qual se ordenava que a igreja de S. Francisco do Porto fosse entregue a quem vigiasse pela sua conservação. Foi semelhante portaria resultado das diligencias do Sr. secretario da administração geral daquella cidade, que representou ao governo quão solemne absurdo era que o mais formoso monumento do Porto estivesse servindo de armazem da alfândega. Se por todo o reino houvesse auctoridades como o Sr. secretario da administração geral do Porto, ainda ao vandalismo se poderiam pôr algumas pês. Não é ao governo que incumbe o vigiar pelos monumentos: esta obrigação repousa inteira sobre os hombros das auctoridades locais: o ministro deu uma prova clara de que respeita o que respeitam todos os homens de juizo: este facto servirá de argumento para mostrar que o governo não é o culpado das destruições barbaras que diariamente se

(*) O nosso correspondente de Guimarães nós diz que um quadro primoroso de Fr. Carlos, pintado em 1535, e que existia no mosteiro da Costa, foi deixado alli, exposto ás injurias do tempo, ao mesmo passo que foram remittidas para o Porto ou para Braga muitas pinturas medioeres, ou de nenhum merito, que naquelle mosteiro havia. Semelhantes parvoices se fizeram por todo o reino. Este nosso Portugal é um louvar a Deus!....

commettem, mas sim aquelles que tinham obrigação de as impedir. Honra, pois, seja dada ao ministro salvador do monumento, e á auctoridade que tão no-

bre e honradamente trabalhou em resgatar uma das mais veneraveis reliquias da arte nacional.



UMA VISTA DE ROTTERDAM.

ROTTERDAM é uma das cidades mais consideraveis da Hollanda, e a mais commercial depois de Amsterdam [1]: veio-lhe o nome do rio, *Rotter*, que desagua no Mosa; a communicacão destes dois rios com o mar faz extremamente favoravel á navegacão o assento desta cidade. Não é possivel atinar com a epocha da sua fundacão: sabe-se tão sómente que em 1270 a cercaram de muralhas, e lhe concederam certos foros. É bella a entrada pela porta visinha ao rio; e a quantidade de ruas, guarnecidas de arvores, como se usa em toda a Hollanda, produz um formoso espectaculo, estas arvores contribuem muito para fazerem as casas frescas, na estação dos calóres. Mas o que sobretudo assombra o viajante são as casas mui altas, fabricadas de tijolo, com grandes janellas, e que se inclinam á proporção da altura dos andares. Nada tão desagradavel como os angulos das ruas formadas por semelhantes edificios, e se estas casas, sempre preparadas de novo, não tivessem mostras de solidez, o estrangeiro preferiria

os canaes ás ruas para o seu transitto, julgando-se nestas ultimas em continuo risco de vida. Porém mesmo assim ha poucos quadros de tamanho interesse como o aspecto de Rotterdam: a vista simultanea dos mastros guarnecidos de flamulas, das barquinhas dos canaes, das alamedas d'arvores, e das casas adornadas esplendidamente, appresentam reunidos os lineamentos caracteristicos do campo, da cidade, e do mar.

Esta parte da Hollanda [escreve um viajante] é o paiz mais baixo, e chato da Europa, e talvez do mundo todo. Todavia este paiz, quasi desprovido das engraçadas ondulações d'outros territorios, interessa pela singular distribuição das aguas, de que é cortado em todas as direcções. Os pastos separados, não por muros, mas por canaes; os campos cercados, não por tapumes e devezas, mas por diques; as casas rodeadas de fossos, com entrada pelas pontes levadiças que se erguem á noite; a verdura copiosa e variada; as arvores vigorosas que reflectem a sombra nas aguas; tudo isto juncto tem certo gráu de mercei-

[1] Veja-se a descripção e vista d'Amsterdam a pag. 275 do 3.º vol.

mento; e a humida Hollanda, vista pela primeira vez, me pareceu bem curiosa, bem nova, e bem original.

Rotterdam tem sobre Amsterdam a vantagem de entrarem dentro da cidade por meio dos vastos canaes os navios mercantes de todo o lote, que amararam defronte dos armazens, e alli descarregam, e recebem nova carga. Pontes levadiças, que só dois homens movem, suspendendo cada um metade com facilidade inaudita, se levantam para os lados a fim de passarem os navios, e se tornam a abaixar para dar transito á gente, que espera em ambas as margens, vendo proseguir o navio, com aquelle olhar firme, e postura taciturna, que caracterizam o hollandez. Os canaes, que servem de ruas; as barcas vogando rapidamente, indo e voltando de continuo; assemelham esta cidade a Veneza [2]; mas nisto pára toda a parecença; porque architectura, não a ha em Rotterdam, porque não tem monumentos pomposos. É uma acreditada praça de commercio; todas as suas artes e engenho encerram-se nos navios empachados, que lhe transportam as produções de todo o globo. Entretanto não é, como vimos, uma cidade triste, apesar da gravidade e silencio habituaes dos seus naturaes. Um passeio pelos canaes n'um ligeiro barquinho é agradável divertimento; e o espectáculo dos trajos da variedade de individuos, que de diferentes paizes aqui concorrem, a contemplação da actividade commercial, a vista das innumeraveis embarcações com suas bandeiras de infinitas côres, não são cousas muito communs para quem vem do interior do paiz, ainda que tenha visto Francfort, Colblentz e Colonia.

O Boomquay [caes das arvores] é o sitio mais habitado da cidade; estende-se obra de uma milha ao longo do rio, desde a cabeça nova do caes até a velha; duas passagens pelas quaes a agua entra em Rotterdam, e enche os canaes. A perspectiva do Mosa, e da margem opposta, é de summa belleza. Muitas casas são de cantaria, que, não a havendo no paiz, devia ser transportada com extraordinário dispendio; estes palacetes são as residencias das familias mais opulentas e fastuosas. Chamam caes a este passeio, que é propriamente um largo terrado, plantado de ulmeiros. Todas as habitações são muito bem reparadas, e mantidas com apurado acceio; alguns viajantes criticaram este excesso de limpeza, e o cuidado minucioso em lavar e pintar continuamente o interior e exterior dos edificios: mas se reflectissem bem em a natureza do clima, e nos habitos a que obriga os habitantes, veriam que o excessivo acceio é indispensavel para a saude dos hollandezes. Não ha cousa que seja completamente absurda; e um povo inteiro, acostumado a calcular com escrupulo o valor do tempo, não se dedicaria a perdê-lo, se não estivesse persuadido de que estes desvelos são imperiosamente exigidos pela necessidade da propria conservação.

Rotterdam é uma cidade abundante de instituições philanthropicas, o que se combina excellentemente com o espirito mercantil, e activa paixão de engrossar cabedades, que predomina na maioria dos habitantes. Além da inclinação natural que teem os espiritos occupados em especular para tudo quanto é ordem e regularidade, os commerciantes que enriquecem são geralmente mui inclinados a abrir asylos de caridade e beneficencia a seus concidadãos pobres; primeiro para diminuir a inveja, depois porque assim se resgatam do penoso espectáculo da pobreza ambulante.

Entre os templos de Rotterdam só o de S. Lou-

renço é digno de attenção; do alto da torre se descobre a maior parte do sul da Hollanda. Nesta cathedral poucos monumentos ha notaveis. Não deve admirar que a praça dos negociantes seja o mais esplendido e formoso edificio desta cidade; causaria espanto se fosse uma academia, ou um museu. Comtudo coube a Rotterdam uma certa nomeada litteraria pelo grande numero de obras que ali se imprimiram nos tres ultimos seculos: está porém mui longe de ser uma cidade litteraria; imprimiu muitos livros, não por amor ás letras, mas porque sendo esses livros então sujeitos á censura em França, certa era a sua venda por via de contrabando, e em razão da prohibição, que sempre dá voga aos escriptos que proscreeve.

Todavia se em Rotterdam não ha propensão para os estudos da litteratura, ha ao menos um nobre respeito pela memoria dos homens que por ella se illustraram; e uma especie de piedade filial para com aquelles de seus patricios que neste ramo se distinguiram; testemunha a veneração em que é tido Erasmo, homem de assombrosa erudição, que floresceu com grande fama nos fins do seculo 15.^o A este erigiu Rotterdam, sua patria, uma grandiosa estatua de bronze, de 10 pés d'alto, que foi acabada em 1622, e passa por ser a obra prima de Henrique Keisel, celebre esculptor hollandez. O gymnasio da cidade tem o nome de Erasmo, e no frontispicio da casa, onde este sabio nasceu, lê-se uma elegante inscripção latina em seu louvor.

OS PERIGOS DAS MISSÕES.

O SUNDERBUND é uma vasta extensão de paiz ao sueste de Calcutta, na costa do golpho de Bengala: está todo retalhado de esteiros de agua salgada, excepto os que teem communicação com o braço principal do Ganges. Estes canaes naturaes offerecem uma verdadeira navegação interior de mais de duzentas milhas, atravez de uma vasta selva, que se divide em um numero incalculavel de ilhas, por meio destes canaes tão deseguaes na largura, que os navios ora flocam com a mastreação enredada nos ramos das arvores, ora navegam a todo o panno, como em um rio caudal, cujas margens sejam sombreadas de bastos arvoredos, e descortinando para todas as bandas uma vista de muitas milhas de extensão.

São por estes sitios as selvas apenas colheita de feras, e só já entram de vez em quando os matteiros, e os apanhadores de sal, castas de commercio, que se fazem com risco de vida; porque os tigres não só apparecem nas margens dos esteiros em busca de prêa, mas até ás vezes nadam para os bateis que estão fundeados no meio da veia d'agua.

Certo dia os missionarios, encarregados de converter ao christianismo os indigenas desta desconversavel região, estavam ancorados no esteiro chamado Barchurra Nuddy, cujas margens uma extensa floresta sombrêa. Era meio-dia, e o batel estava alli haveria uma hora, quando, a obra de cem varas de distancia dos europeus, um alligator, ou crocodilo, surgiu da agua, e foi dormir a sésta ao sol na praia. Teria passado meia hora, depois que o animal adormecera, segundo parecia, com somno profundo, eis senão quando um desmesurado tigre, mosqueado de branco, de olhar terrivel, e robustissimos membros, sae de uma jungle, ou çarça, e se encaminha com extrema cautella, para o logar onde o crocodilo dormia. Tendo chegado a distancia sufficiente para poder atirar-se ao seu temeroso inimigo, ergueu as

[2] Vid. a noticia sobre Veneza a pag. 49 do vol. I.^o

garras e assim esteve um pedaço antes de as tornar a assentar no chão: vendo, enfim, que estava em postura geitosa para dar o pulo, firma-se, arremette, finca-se na crocodilo, e agarra-se-lhe ás goéllas.

O monstro do abysmo acórda sobresaltado, abre as largas fauces, e sacóde a terrível cauda. Começa então o espantoso combate: cada uma das fóras emprega contra a outra todo o seu vigor e raiva. Levou, por fim, o tigre conhecida melhora, porque tinha filado o amphíbio pelo collo, embargando-lhe assim que revirasse a cabeça para o morder, posto que com a cauda, cujo fio de escamas era do feitio de uma serra, dava desmedidas pancadas no corpo do tigre. Acabada a lucta, o tyranno das selvas sacudiu os robustos membros, e deu mostras de quem não queria tomar mais trabalho. Havendo vencido o crocodilo, arrastou-o um pedaço para terra, e assentou-se sobre o vencido, como um gato sobre o rato que apanhou. Depois de descansar, agarrou com os dentes a prêa, e arrastou-a socegradamente para o matto.

Seriam passados dez minutos, quando tornou a apparecer, e, julgando talvez que o batel cheio de gente estava muito afastado da margem, de modo que lhe não era faeil ajunctar esta nova prêa aos tropheus da sua sangrenta victoria, continuou vagarosamente o seu caminho para o lado opposto áquelle em que se embrenhara com o cadaver do crocodilo, e as pessoas que estavam no batel não o tornaram a ver.

Dentro de uma hora o alligator, que tinha ficado estonteado, mas não morto, foi-se arrastando por entre as çarças, e, posto que gravemente ferido, chegou, não sem custo, á borda do esteiro, escapando deste modo ao seu sanguinario inimigo. Achava-se, todavia, mui dilacerado, e por isso não podia estar muito tempo debaixo da agua: tornou a abicar em terra, mas tendo sempre a cautella de não tirar para fóra senão uma parte do corpo, conservando, de continuo, a boca aberta, e voltada para o matto. Assim esteve um pedaço, ora mergulhando-se debaixo da agua, ora tornando a apparecer, sempre com curtos intervallos. Os missionarios se afastaram então d'alli, resolvidos a deixarem-se do seu proselytismo, que lhes podia custar caro em uma região tão intractavel.

REVOLUÇÃO NAS ARTES DO DESENHO.

O INVENTO, ou descobrimento de que vamos fallar, merece um e outro titulo; a natureza é o engenho do homem, podem ahi apostar primasias. A natureza apparece retratando-se a si mesma, copiando as suas obras assim como as da arte, não em painéis presencias, inconstantes e fugitivos, como eram e são os rios, os lagos, as pedras e metaes polidos, mas em materia que retem o simulacro do objecto visível e o fica repetindo com a mais cabal semelhança ainda depois de ausente: isto pelo que toca á natureza. Agora pelo que respeita ao engenho do homem, foi elle quem a forçou a este milagre novo e inesperado. Duas coisas nos dão pena querendo escrever esta noticia; a primeira é que não possamos explicá-la e circumstancia-la como cumprira, por fallecerem ainda as precisas e miudas informações; a segunda, que desse mesmo pouco com que um jornal de Paris, o Seculo, nos vem acenando, não nos consente a indole e extensão da nossa folha apresentar senão o pouquissimo.

A camara luminosa ou optica, segundo vulgarmente se diz, é formosa recreação de nossa infancia, e nos permite viajar sentados n'uma cadeira, no can-

to da nossa casa, por todos os portos, cidades, ruínas, bosques e desertos do mundo; mas, se taes peregrinações nos não custam nem fadigas nem perigos, nem dinheiro e largos annos, tambem a idéa que nos trazem das coisas apartadas é pelo demais incompleta ou falsa; e todos esses quadros de mão humana são imperfeitos como tudo que d'ella sae. A camara luminosa levava grandes vantagens á camara obscura em um sentido, se em outro lhas cedia; porque, se ahi o artista cercado de trevas via descer sobre o seu papel alvo e nú, as formas perfectas, córadas e vivas das coisas externas, e dessas, todas as que lá por fóra senão levavam e fugiam, as prendia com o lapis e pincel, e compunha, ou antes copiava natural e verdadeiro o seu quadro; por outra parte o alcance desta sua magica era sempre mui limitado: e de mais, dado que as formas e cores que primitivamente baixavam ao seu papel fossem, nem podessem deixar de ser completas e exactas, como o prendê-las era trabalho de mão e instrumentos humanos; ahi vinham tambem forçosamente as differenças, os erros e quando menos os desprimores. Da camara obscura saíam lindas recordações abreviadas do mundo circumstante; mas esses painéis que mais eram formulas representativas do que emanações reaes dos corpos; mais retratos levemente desfigurados do que reflexos proprios, inteiros e absolutos, esses painéis, requeriam tempo, paciencia, arte e uso e uma palheta carregada de todas as cores do iris. D'ora ávante porém, sem palheta, nem lapis, sem preceitos artisticos nem dispendio de horas e dias, que digo, sem mover a mão, sem abrir os olhos e até dormitando, poderá o viajante enriquecer a sua pasta com todos os monumentos, edificios e paizagens das longes terras, e o amante mais hospede nas bellas artes, obter por si mesmo o retrato dos seus amores; tão ao natural como o traz debuchado no coração, e mais natural ainda porque não lhe faltarão as miudesas minimas que a vista não alcança e que só a lente lhe poderia revelar. Os nossos leitores nos estão já aqui pedindo impacientes a solução de tão inerivel problema; o que podemos é apontar-lha, isso vamos fazer.

Eis-aqui o que o senhor Arago relatou á academia franceza de cuja é secretario: o senhor Daguerre, famigerado pintor do diorama, andava, largos annos havia, todo embebido em procurar alguma substancia onde a luz se podesse imprimir, e deixar de si vestigios distinctos, que ainda depois d'ella ausente a denunciasses com todas suas modificações e circumstancias; para este fim andou batendo á porta das varias materias e interrogando todos os corpos e invocando toda a natureza. Em tudo é a diligencia mãe da boa ventura. Encontrou ao cabo uma substancia como a elle sonhára, tão sensível á acção immediata da luz, que esta lhe deixa os vestigios evidentes do seu contacto, d'esse contacto tão subtil e inapreciavel. Estes vestigios ficam representados por côres que teem em cada ponto uma relação perfeita com os diversos gráus d'intensidade da mesma luz.

Não se cuide, comtudo, haver nesta estampa as proprias côres do objecto que ellas representam; não, as diversas côres dos originacs só são denotadas e significadas na copia, com uma extrema exactidão, pela maior ou menor força da luz, isto é, pelo maior ou menor effeito da impressão da luz: vae do original á copia uma differença a este respeito bem comparavel com a que faz uma gravura optima d'um painel a oleo cujo ella fór perfectissimo traslado. O vermelho, o azul, o amarello, o verde etc, são significados por combinações de luz e sombra, por meias tintas mais ou menos claras ou escuras, segundo a somma de potencia clarificante que encerra por sua

natureza cada uma destas côres. Mas, o que é certo apesar de todo esse desconto, é, que estas copias são tão extremadas, tem um tal relevo e tamanha verdade como se não pode imaginar sem as ter visto. A delicadesa dos traços, a pureza das fórmulas, a exactidão e harmonia dos tons, a perspectiva aerea, o primor das miudezas, isso tudo se representa com a suprema perfeição. A lente, mais terrível das melhores obras de desenho, que em todas encontra senões e desares inevitáveis para a arte, gire quanto quizer sobre estas figuras, fite n'ellas, quanto tempo lhe agradar, o seu olho inexorável, desesperar-se-ha de não descobrir senão perfeições, depois perfeições, e sempre em tudo perfeições. Não ha porque nos espantemos: a luz, a propria luz foi a pintora. Do pae da luz creáram divindade ás artes os fabuladores da Grecia; da fabula fez historia o engenho mais creador da nossa idade. Estas gravuras abertas pelo buril dos raios luminosos, estas estampas baixadas, porque assim o digamos, do ceu, mostrou-as o senhor Daguerre aos senhores Arago, Biot, Humboldt e outros, que todos ficaram suspensos e enfeitados. O auctor limitado n'um pequenino espaço da ponte, chamada das Artes, trasladou toda a carreira de grandiosidades monumentaes que ufanam e affamam a margem direita do Sena, comprehendendo aquella parte do Louvre que alardea a opulenta galleria das pinturas: e não ha linha, não ha ponto que não saísse perfeitissimo. Da mesma arte apanhou aquella immensa e gigantesca fabrica de Nossa Senhora de Paris, com toda a sua profusissima cuberta de esculturas gothicas. Mais fez, que repetiu o prospecto do mesmo edificio, ás oito da manhã, ao meio dia e ás quatro da tarde, e isto em dois dias diversos, um de chuva, outro de sol; e todas estas vistas, sem exceptuar aquellas mesmas em que a extensão relativa das sombras é identica para quem as observa, tem physionomias tão proprias e tão suas, que n'um relanciar de olhos se adivinha a hora do dia e circumstancias atmosphericas em que se fez cada retrato. E devendo parecer já isto a maxima maravilha, ainda ha outra e é a quasi magica ligeireza com que se opera; oito ou dez minutos bastam no clima e ceu ordinariamente aspero de Paris para começo e remate de taes quadros; mas com ar mais puro e luz mais estreme, como no Egypto, um minuto bastaria. Todavia, diz o noticiador do Seculo, estas admiráveis representações das exterioridades da natureza, certamente por passarem por ellas mãos humanas, carecem do que quer que seja como objectos d'arte. Coisa admiravel! aquella mesma potencia que as creou parece ausentar-se logo d'ellas: estas obras da luz carecem de luz. Nos proprios pontos mais directamente clareados ha uma fallencia de vivesa e de lustre: e na verdade são umas vistas, que a despeito de todas as harmonias de sua impecavel perfeição, como que apparecem sob um ceu denso e boreal que as está esmorecendo e esfriando: parece que ao coarem-se pelo aparelho optico do auctor, todas á uma se revestem do aspecto melancolico do horizonte quando quer anoitecer.

Segundo contra. Apesar da summa rapidez da luz, como o seu effeito na substancia do Sr. Daguerre não é instantaneo, qualquer objecto que se mova com velocidade ou lhe não deixa vestigios seus, ou só muito confusos. As folhas das arvores por exemplo, como aquellas que sempre se andam balouçando no vento, ficam pelo demais mui perturbadas: mas onde só se pertenderem imagens da natureza sem vida, edificios, monumentos, estatuas, ou cousas de semelhante genero, ahi sim, ahi triunfa de todos os outros este novo methodo. Rosto de homem vivo ainda

até hoje o não pôde retratar que satisfizesse. Mas o auctor ainda não perdeu a esperanza de lá chegar.

E inegavel á vista do que levamos apontado, que este invento, um dos mais admiráveis de nossos tempos, terá largas consequencias em todas as artes do desenho, e contribuirá não só para o progresso do luxo util e aformoseador da sociedade, mas tambem para o maior aproveitamento das viagens, quer sejam scientificas, ou artisticas, ou moraes, quer de simples divertimento e recreação. O auctor, porém, ainda não declarou o seu segredo; e esta immensa revolução, para arrebentar e espalhar-se por todo o mundo, só aguarda uma palavra d'elle, o seu *fiat lux*.

O EDDA.

A MYTHOLOGIA do norte, que, pelo que respeita aos vãos de imaginação, e ás concepções sublimes, vence em grande parte a grega e romana, encerra-se principalmente em duas collecções denominadas Eddas, transmittidas de tempo immemorial pelos Scaldos, ou antigos menestres da Dinamarca, Suecia, Noruega e Islandia. — A palavra *Edda* significa *Mãe da Poesia*. Nas eras mais remotas, estas chronicas mythologicas se communicavam vocalmente de paes a filhos, e só depois se escreveram com os caracteres sagrados do Norte, chamados *runicos*, alfabeto que se crê os Scandinavos receberam dos navegadores phenicios. Iniciaram os Scandinavos nos mysterios da sua religião os Saxonios, que foram obrigados por Carlos-Magno a troca-la pelo christianismo. Depois que os Saxonios ficaram submettidos áquelle monarcha, os sectarios da religião de Odin se retiraram para a Islandia, onde se guardaram os livros sagrados dos Scandinavos; e delles colligiram pelos annos de 1056 a 1133, o clerigo, Samundo Sigfudson, e o historiador Are Frode o Edda mais antigo.

Esta importante obra jazeu escondida e esquecida por espaço de 400 annos. Todavia, no de 1643, o bispo Svensen achou um excellente traslado destes poemas-chronicas, e os publicou em 3 volumes de quarto, dando o texto original, uma traducção latina, e um dictionario da mythologia septentrional. A materia dos poemas consiste em prophecias, dialogos pomposos, e cantos magicos.

O novo Edda, composto e ordenado duzentos annos depois do outro, é um compendio systematico do primeiro, e consta de tres livros; um dogmatico ou doutrinal, outro historico, e outro critico. O texto islandico deste segundo Edda foi traduzido no anno de 1640, por um certo Resenio, e dahi lhe veio o nome de Edda Reseniano.

Alguns criticos modernos trabalharam por pôr em duvida a authenticidade destes livros; mas as suas objecções foram completamente refutadas por Muller, por Von-der-Hagen, e pelos irmãos Grinun.

O caracter distinctivo da mythologia dos Eddas, comparada com a dos gregos e romanos, é a sua unidade systematica, ou antes epica. A mythologia classica se divide em innumeráveis ramos, e se perde no oceano dos acontecimentos verdadeiros. A do Edda, pelo contrario, apresenta logo no seu principio os germens de uma catastrophe, que deve destruir tudo; de uma creação que necessariamente traz consigo a final ruina do Universo. A mesma cosmologia do Edda é, na verdade, original. Segundo este livro, houve tempo em que não existia o firmamento, nem a terra, que por baixo d'elle está; mas sómente um abysmo insondavel, e um mundo de nevoa, em que corria a fonte, cujo mister é tragar todas as cousas. Doze rios saíam desta fonte; quando se ti-

nam alongado tanto, que as correntes começavam a congelar-se, paravam, e se convertiam em neve; e accumulando-se successivamente as camadas de neve umas sobre as outras, o insondavel abysmo veio a ficar, por fim, cheio.

Ao meio-dia do mundo da nevoa jazia o mundo da luz. Do primeiro procediam todas as cousas negras e frias; do segundo todas as claras e quentes. Aquelle era o principio da colera e da morte, este o do amor e da vida. Veio um vento suão do mundo da luz e derreteu a neve. As pingas descongeladas se converteram em entes animados pelo poder daquelle que mandou o vento, e destes nasceu o gigante Ymir, e a sancta Ash-Ydrahill, ou arvore da vida, que estende as suas raizes por todo o abysmo, e os seus ramos por cima de todo o universo. Debaixo do braço esquerdo de Ymir cresceu um homemzinho, e uma mulherzinha, e destes procederam os gigantes de neve, os heroes, e os deuses. Esta cosmogonia é o fructo da observação da natureza feita no norte. E' natural que a neve parecesse aos scandinavos uma materia morta, ou como o máu principio, e pelo contrario a luz e o calor, como forças creadoras, e por consequencia tivessem isso em conta de bom principio. A lucta destes dois principios, debaixo dos differentes symbolos de bons ou máus genios, de heroes, e de deuses, e a alternada ascendencia de uns sobre outros, até que uma cobra ferocissima consuma a natureza universal com as suas irresistiveis chammas; formam o cyclo desta grande tragedia, entre cujos incidentes, a morte de Baldur — o bello ideal do heroismo scandinavo; o Achilles do norte — é um dos mais commoventes episodios. A existencia de um principio, dominador supremo, e o conhecimento de uma alma espiritual e immortal no homem, são cousas de que se acham vestigios em differentes symbolos do Edda. Em ambos elles se acham tambem os rudimentos da grande epopéa nacional dos allemães, intitulada o *Canto dos Nibelungos*.

Na obra allemaã de Kreutzer, intitulada *Symbolik* se podem achar noticias mais particularisadas ácerca do Edda, bem como na *Introdução á Historia de Dinamarca* de Mallet.

O ABBADE DE L'ÉPÉE.

Foi este um dos homens que mereceu mais a veneração de todos os verdadeiros amigos da humanidade; e cuja memoria será perpetua nos annaes da civilisação.

Nasceu o abba de L'Épée em Versalhes, no mez de Novembro de 1712. — Seu pae era architecto do pago, e pessoa de talento e probidade. O moço L'Épée foi educado para a vida clerical, profissão para a qual o levava especialmente o seu genio alegre, brando, e pio. Houve algumas difficuldades em o admittirem ao sacerdocio. Exigiram d'elle, segundo a practica estabelecida na diocese de Paris, que assignasse uma formula de fé, na qual, por ser contraria ás suas idéas [porque elle era jansenista] em boa consciencia não podia convir. Foi, comtudo, admittido ao diaconato, declarando-se-lhe que nunca se lhe dariam as ordens sacras. Esta difficuldade o moveu a estudar leis, mas não se casava com as suas inclinações semelhante genero de vida. Porfim pôde alcançar as ordens sacras das mãos do bispo de Troyes, sobrinho de Bossuet, o qual, além disso, lhe deu um canonicato na Sé de Troyes.

Uma circumstancia accidental fez com que elle se desse á educação dos surdos-mudos. Teve, certo dia, de ir a uma casa tractar de um negocio: encontrou ahí duas rapariguinhas trabalhando na sua costura

com toda a curiosidade; mas que nenhum caso fizeram das suas perguntas: eram duas surdas-mudas. A mãe das raparigas chegou d'ahi a pouco, e explicou-lhe o caso, com as lagrymas nos olhos. Um clérigo, chamado Vanin, tinha começado a educar as duas creanças por meio de pinturas; mas a morte o tinha atalhado na sua empreza, e ninguem mais apparecera que houvesse querido encarregar-se da educação das pobres mudas. “Persuadido [são palavras do proprio abba] de que estas creanças viveriam e morreriam ignorando a sua religião, se eu não achasse algum meio de as instruir; enchi-me de compaixão, e disse á mãe que as mandasse todos os dias a minha casa, e que eu faria quanto em mim coubesse para as ensinar e doutrinar.”

Foi tambem casualmente que o abba de L'Épée encontrou o livro de João Paulo Bonet, inventor do methodo de ensinar os surdos-mudos: veio um individuo offerecer-lhe um exemplar daquelle obra, pedindo que lh'a comprasse, o que elle a principio recusou fazer, não sabendo que obra era, e allegando que não entendia hespanhol, e que por tanto o livro para nada lhe servia. Abrindo-o, porém, casualmente, achou a gravura do alfabeto manual de Bonet: comprou immediatamente o livro; e começou a aprender hespanhol só para o poder lêr.

L'Épée era perseverante e desinteressado, na educação dos surdos-mudos. Tanto perseverou, que pôde, enfim, converter a opposição e desprezo, que a principio encontrara, em geral approvação. Tinha de renda quatro mil crusados: mil gastava-os comsigo, e o resto na educação e sustento dos mudos indigentes. — “Os ricos, dizia elle, só entram em minha casa por uma especie de tolerancia; não foi a elles que dediquei meus trabalhos; foi sim aos pobres; que, se elles não fossem, nunca eu teria intentado a educação dos surdos-mudos.

O abba de L'Épée morreu a 23 de Dezembro de 1789, com 77 annos de idade: a sua oração fúnebre foi recitada pelo abba Pauchet, pregador regio. — O seu elogio faz-se em duas palavras: foi um daquelles homens o fructo de cujos trabalhos não morre com elles.

Effeitos do luar. — Muitas pessoas observadoras teem notado que os raios da lua influem de um modo particular, e pouco salubre na constituição humana. Homens de mar deitando-se no convez com a cara voltada para o luar, tem acontecido acordarem com contracções espasmódicas, e com a boca torcida: outros receberam tal impressão nos olhos, que ficaram cegos por muitos mezes. Peixe deixado uma noite pendurado ao luar, e comido no outro dia, produziu doenças violentas com dores insupportaveis. *Montgomery. Viagens de Pierman e Bennett.* Missionarios da seita dos Baptistas referem que varias pessoas tendo dormido ao luar, se acharam ao acordar tolhidas, e quasi sem sentidos. Isto concorda com o que diz Plutarcho: “Todos sabem que quem dorme ao luar, não acordam facilmente, e ficam como estupidos e insensíveis.” — Os effeitos do luar nas duengas mentaes, teem-se observado tantas vezes, que a semelhantes doentes se deu o nome de lumaticos; e medicos experimentados me asseveraram que em muitos casos desses se conhece sensivel alteração na enfermidade, cada vez que ha mudança de lua. *Sharon Turner.*

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo
N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.